

Trajetórias de vidas indígenas...

Histórias indígenas experienciadas pela liderança

Valda Wajuru juntamente com o seu povo

Meu nome é Valda, sou cacique do povo indígena Wajuru aqui de Porto Rolim. Nosso povo Wajuru é dividido em dois grupos, tem um pouco aqui em Porto Rolim, outro na Terra Indígena Ricardo Franco [Terra Indígena Rio Guaporé], uma terra que foi demarcada para vários povos, e nós aqui, nós temos uma batalha, porque nós não temos nossa terra demarcada, e pra nós é uma situação muito, assim, ainda difícil, porque a gente a cada dia que passa tá vendo a degradação do meio ambiente. Ultimamente, até pra gente tirar nossos alimentos já está mais longe, não tá como tava, muita queimada, muitas frutas que a gente alimentava, muitas outras frutas de artesanato nós não temos mais, então a nossa batalha tá muito mais difícil, mas a gente acha muitos bons parceiros também que tá nos ajudando a resgatar a nossa história, principalmente para não se perder a nossa história. Nós não temos mais nossos, nossos, anciões né, aqui mesmo no Porto Rolim nós só temos uma senhora de idade, inclusive que é minha mãe, que ela é única e depois tem as sobrinhas dela que são mais novas. Então cada um desses ancião que se vai, aquela experiência, tudo vai com eles, mas nós também aprendemos muitas coisas com eles, mesmo que nós não temos uma terra demarcada, mas minha avó ensinava muita coisa, o outro meu tio que faleceu, o Cassimiro, conviveu todo o tempo com nós. Igual nossos artesanatos, nossa comida, essas coisas, é incrível né, por nós não ter uma terra demarcada nós não perdemos nossos artesanatos, nossa pintura, nossas comidas tradicionais, a nossa língua, a gente todo o tempo teve parente falante [...].

Sobre a luta pelo território tradicional

[...] Nós reivindicamos a terra inteira, porque a terra não é só uma ilha é uma terra inteira, porque pelos históricos que eu sei, contado pela minha vó, pela minha mãe, pelo meu tio que faleceu, eles viviam aqui, daqui foram pra lá [Serrito], e de lá voltaram, os últimos voltaram pra cá em 1982, quando o Serrito, o Orurois, em 1982, foi invadido, e aqui está! A gente é uma ilha aqui! Têm muitas urnas funerárias, arrancaram nossas urnas! O IPHAN tem nos ajudado muito [...]. A FUNAI também está presente, o MPF. Então a gente vive na luta pra conseguir definitivamente nossa terra e se demorar muito quando nós recuperar nós não temos mais nada. Como todo mundo pode ver, aqui é uma área muito bonita, as pessoas vão invadindo, vão depredando tudo, nossa natureza aqui, então pra nós é um dos desafios maiores [...] porque nós só tiramos o que nós vamos alimentar, nós não vendemos peixe, igual tem lugar que tem colônia de peixe, essas coisas, nada daquilo lá nós não tem [...] não vendemos, nós só tiramos a subsistência, mais na frente ali já tem uma derrubada, muitos alimentos nosso está indo embora, a gente não quer que isso se perda totalmente, isso é uma grande batalha pra gente que está sem terra, porque aí nosso artesanato vai junto, que aí a gente não tem da onde tirar. Nós tínhamos um lugar onde a gente colhia muito o barro, a argila, nós fala barro, pra fazer nossas panelas de barro, hoje em dia esse lugar fizeram bebedor pra boi beber, é um lugar que dali a gente não tira mais. Então, tudo isso é difícil pra nois né, mas apesar de tudo nós não desanimamos não, nós não desanimamos. Os jovens estão aí agora né [...], eles são bem animados e a gente também [...].

Sobre a infância em Rolim de Moura do Guaporé...

Olha, por um lado a nossa infância assim foi boa porque era só nós, muita pouca gente, não tinha tanta invasão, a gente vivia livre, a gente vivia liberto aqui, brincava, mas com o pouco de gente que tinha todo o tempo a gente foi, era assim, que até hoje: - Aquele bando de índio! Todo o tempo né. [...] A gente viveu aqui desde criança, todo o tempo assim, a gente tinha aquela discriminação, porque teve muitos povos que eles ficaram calado com medo né, que eu entendo isso né, mas nós não fomos um caso, porque nós nunca nós caemos. [...] A infância foi boa, igual assim a fartura, nós tínhamos muito a nossa alimentação, nossa semente e agora apesar que tinha o lado do preconceito, como sempre no colégio das outras pessoas, mas era pouco, agora de 2007/2008, a situação ficou mais difícil, porque da forma que eu fui criada aqui eu já não estou podendo criar, já não pude criar meus filhos, nem meus netos [...].

A criação da estrada e os impactos na vida indígena

[...] Não tinha estrada, aí depois que a estrada abriu em 2003 que as pessoas descobriram isso aqui e foi invadindo, invadindo mesmo. Assim, chega né, tem terreno aí vazio, chega vai fazendo casa, daqui a pouco eles vão vendendo, e aí faz, constrói e vende, faz constrói e vende. É assim que está! Com a estrada eles descobriram esse paraíso, onde nós morávamos e acabou tudo [...] Então da forma que eu fui na minha infância, adolescência, eu fui assim feliz, eu era liberta, hoje em dia, meus primos, meus filhos, netos, se não chegar numa demarcação o mais rápido possível, fica pior em tudo, se perde, porque nem as crianças podem ser livres, pra andar, pra caminhar, pra brincar, porque já

é alvo também né, então, tudo isso, muita gente nova que entrou não tem respeito por ninguém, pela cultura né, então tudo isso a gente passa aqui. [...]

Povo Wajuru...

[...] O povo Wajuru é também o povo Uañũ miã é o povo da pedra. Os Wajuru nós somos povo da pedra. [...] Nós somos muito guerreiros, muito batalhador, nós não desistimos fácil dos nossos objetivos, significado do Wajuru é povo da pedra. [...] Tem o Wajuru Uañũ miã, povo da pedra, e tinha o Wajuru cotia, que era o do mato, tem essa classificação do povo da pedra e do povo cotia. Falam que os cotia eram mais brigadores, gostava muito já de carregar as coisas dos outros, que não faziam roça né [risos] e já os da pedra não, eram batalhadores, guerreiros. [...] O povo Wajuru, tem os Ururois, que hoje em dia [o local da antiga moradia] é uma madeireira. Em 1982 foram os últimos a tirar de lá. Aí tinha o povo do Fortuna, aí tinha o povo do Ururois e tinha os daqui, eram vários grupos que tinha [...] Aí os de lá foram tudo saindo, a última retirada foi em 1982, todo mundo saiu de lá só com o marico na canoa, pra não ser morto e veio pra onde que estava os outros aqui. [...] Do Ururois, de lá saiu o finado João Antônio que morreu em Ricardo Franco e do Serrito saiu o finado tio Casimiro, tudo em 1982, eles vieram largaram galinha, largaram roça, largaram tudo, só saíram com a roupinha que tinha na canoa e vieram embora juntar aos outros que estavam aqui. [Pergunta feita: Quem chegou e disse para eles saírem?] No Ururois, foi um senhor, o seringueiro vendeu a terra, a terra foi vendida com os indígenas dentro né, era uma aldeia, eles chegaram, apropriaram e venderam, simplesmente venderam, e aí o dono quando comprou apossou e retirou eles.

[Pergunta feita: E no Serrito?] Todos foram retirados, assim, na marra mesmo, que largou tudo, tudo, tudo, tudo pra trás.

Associação das Guerreiras Indígenas de Rondônia

[...] Agora a gente tem a Organização das Mulheres Indígenas de Rondônia, a AGIR, associação das guerreiras. [...] Então mais uma conquista não só pra nós, [...] mas pra Rondônia. Nós, mulheres indígenas, somos assim muito esquecidas, até nas reuniões né, muito homem, pouquinha mulher, e agora não, eu to vendo também que nós estamos ocupando mais nosso espaço. [...] Com a associação das guerreiras a gente também quer fazer o resgate das medicinas tradicionais, das parteiras tradicionais né, então a gente vem batalhando muito. [...] A gente vê que muitas vezes tem necessidade de uma mulher fazer laqueadura, tem, isso aí tem porque todo mundo não é igual, mas muitas vezes uma mulher indígena é cortada sem necessidade, [...] então associação das guerreiras também é para nós estar buscando nossas parteiras tradicionais [...].

Narrativas da cacique Valda Wajuru, 2016.